

## RELIGIÃO COMO POLÍTICA: UMA CONSTATAÇÃO A PARTIR DO ATEÍSMO ANTROPOLÓGICO DE FEUERBACH

João Paulo Rodrigues Pereira\*

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo desenvolver a ideia de religião como política no pensamento de Ludwig Feuerbach, demonstrando que essa concepção se fundamenta no ateísmo antropológico, que surge como consequência da própria necessidade da humanidade. Será utilizado o texto *Necessidade de uma Reforma da Filosofia*, publicado na obra *Princípios da Filosofia do Futuro*, que aborda a reforma da filosofia. Ao desenvolver uma crítica à filosofia hegeliana, Feuerbach chega à ideia de religião como política. Além de uma introdução, em que o problema é contextualizado, o texto está organizado em quatro partes. Na primeira, trata-se da reforma da filosofia a partir de uma crítica à filosofia hegeliana; na segunda, desenvolve-se a ideia de negação da religião como a transformação específica de sua época; na terceira, apresenta-se a concepção de religião como política, na qual o Estado assume o lugar de Deus como providência; por fim, na quarta, apresentam-se os traços do ateísmo antropológico de Feuerbach como fundamento da concepção de religião como política.

**Palavras-chaves:** Religião, Política, Ateísmo, Deus, Homem.

**Abstract:** This work aims to develop the idea of religion as politics in the thought of Ludwig Feuerbach, demonstrating that this concept is based on anthropological atheism, which arises as a consequence of humanity's own need. The text *Necessity of a Reform of Philosophy*, published in *Principles of the Philosophy of the Future*, which addresses the reform of philosophy, will be used. In developing a critique of Hegelian philosophy, Feuerbach arrives at the idea of religion as politics. In addition to an introduction, in which the issue is contextualized, the text is organized into four parts. The first part deals with the reform of philosophy based on a critique of Hegelian philosophy; the second develops the idea of the denial of religion as the specific transformation of his era; the third presents the concept of religion as politics, in which the State assumes the role of God as providence; and finally, the fourth presents the features of Feuerbach's anthropological atheism as the foundation of the concept of religion as politics.

**Keywords:** Religion, Politics, Atheism, God, Man.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo desenvolver a ideia de religião como política no pensamento de Ludwig Feuerbach (1804-1872), mostrando que essa concepção é uma comprovação a partir do ateísmo antropológico, sendo este consequência da necessidade da própria humanidade. Essa necessidade surge da constatação de que as transformações religiosas são o que marcam e distinguem cada época da humanidade. Como Feuerbach percebe que a transformação que

---

\* Possui graduação Bacharelado em Filosofia pela Faculdade Arquidiocesana de Mariana (FAM), Licenciatura em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano, Mestrado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Teologia dos Jesuítas (FAJE) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). É professor de Filosofia no curso de Bacharelado em Filosofia da Faculdade Dom Luciano Mendes (FDLM) desde fevereiro de 2015. Atua também como Coordenador da Comissão Própria de Avaliação (CPA) da Faculdade Dom Luciano Mendes desde 2015. É membro do NDE - Núcleo Docente Estruturante e do CCG - Conselho de Curso de Graduação da Faculdade Dom Luciano Mendes.

marcava sua época era a própria negação da religião, propriamente do cristianismo, conseqüentemente, ao mesmo tempo em que a religião é negada, surge outra forma de religião. Uma religião na qual o céu é substituído pela terra, Deus é substituído pelo Estado – enquanto providenciador – e a oração é substituída pelo trabalho. O próprio homem seria o centro dessa religião, e o ateísmo seria o princípio supremo para tal concepção, pois, ao se rejeitar a antiga forma de religião, rejeita-se também a própria ideia que o homem cria de Deus.

## **A REFORMA DA FILOSOFIA**

Para Feuerbach, reformar significa negar completamente o antigo. “Só quem tem a coragem de ser absolutamente negativo tem a força de criar a novidade” (FEUERBACH, 2002, p. 14). A força da novidade está em não estar preso ao velho, em se libertar da tradição e em propor algo a partir da realidade do tempo presente – suas necessidades, valores, conflitos, cultura, enfim, da própria condição da época. A força do novo está exatamente em ser novo. E isso seria um fundamento essencial da nova filosofia.

Antagonicamente a esse pensamento, estaria a filosofia de Hegel, que seria reacionária, pois preserva a tradição e, ao preservá-la, impede a força positiva. Por isso, Feuerbach o critica. Segundo ele, a filosofia hegeliana seria uma “síntese arbitrária de diversos sistemas existentes, de insuficiências – sem força positiva, porque sem negatividade absoluta” (FEUERBACH, 2002, p. 14).

Nestes termos, contrariamente a Hegel, que parte do pensamento para chegar à realidade, “o ponto de partida da nova filosofia proposta por Feuerbach é o ser real. A realidade fundamental é a natureza, não a consciência ou o pensamento, que são derivados ou secundários” (ZILLES, 2001, p. 100). Sua reforma não é apenas pensar em um tema diferente e concreto, mas uma nova forma de pensar, na qual o pensamento é produto ou consequência da vivência humana, do homem enquanto homem (CABADA, 1980, p. 7). Vale observar, no segundo prefácio da obra *Essência do Cristianismo*, a declaração que Feuerbach faz de si mesmo, mostrando essa negatividade absoluta e a reforma proposta em sua filosofia:

Sou astronomicamente diferente dos filósofos que arrancam os olhos para poder pensar melhor; eu, para pensar, necessito dos sentidos, mas acima de todos os olhos, fundamento minhas ideias sobre matérias que podemos buscar sempre através da atividade dos sentidos. Não produzo coisas a partir do pensamento, mas inversamente os pensamentos a partir das coisas, e coisa é somente o que existe fora da cabeça (FEUERBACH, 1998, p. 27).

A nova filosofia é radical; a reforma proposta por Feuerbach nega a forma idealista e tem como ponto de partida os sentidos, a própria realidade – não mais o pensamento. Ele “se dá conta do perigo de o pensador apoiar-se demasiadamente em uma razão separada ou desconectada do homem” (CABADA, 1995, p.6). Para reformar, então, não basta simplesmente negar, mas a verdadeira reforma da filosofia deve também corresponder à necessidade da humanidade – a necessidade da época. “O que importa é que o pensamento beba da mesma fonte que é seu próprio sustento e vida: a realidade” (CABADA, 1994, p. 109).

Pode-se perguntar, então: o que marca cada época? Ou melhor, o que distingue uma época de outra para que se possa saber por onde a reforma deve começar? A resposta a essas questões está na religião. Segundo Feuerbach, cada época é marcada pelas transformações religiosas, e são essas que distinguem uma época de outra (FEUERBACH, 2002, p. 14). Isso porque “a religião é algo especificamente humano e, portanto, deve ter sua razão de ser na essência do homem, fundamentando-se na diferença específica humana” (SOUZA, 1994, p. 45). Ressaltando essa importância, em *A Essência do Cristianismo*, Feuerbach afirma: “A religião se baseia na diferença essencial entre o homem e o animal – os animais não têm religião” (FEUERBACH, 1998, p. 27). Em outra parte, também declara: “O homem é o começo da religião, o homem é o centro da religião, o homem é o fim da religião” (FEUERBACH, 1998, p. 223). Portanto, a religião é algo específico do ser humano, e é a partir dela que se percebe a necessidade da humanidade.

Conclui-se, então, que a reforma da filosofia estará ligada a uma negação absoluta do antigo, por meio da transformação religiosa da época presente. Em outras palavras, a necessidade da humanidade corresponde a uma necessidade religiosa. Mas qual transformação religiosa é necessária para possibilitar essa reforma? Ou, qual transformação religiosa ocorreu – se alguma já ocorreu – para realizar essa reforma? E ainda, o que Feuerbach entende por religião?

## **NEGAÇÃO DA RELIGIÃO**

Uma das ideias centrais do pensamento de Feuerbach – que, sobretudo, vai ser desenvolvida contundentemente em outras obras e que vai impulsionar sua crítica à religião – é afirmar que a essência da religião é o coração do homem. Isso não significa que a religião reside no coração do homem, nem que o coração é uma forma de religião – não! Feuerbach é taxativo: o coração é a própria religião, é a essência da religião.

Mas o que isso quer dizer em relação à transformação necessária para reformar? A transformação de que ele trata só é possível se atingir o coração do homem. Ou seja, a transformação que cria o novo, que tem a força de negar absolutamente o antigo – o que ele chama de força positiva – tem seu fundamento no coração do homem, que é, propriamente, a essência da religião. Sendo as transformações religiosas o que marca cada época, e sendo o coração do homem a essência da religião, logo, para que haja uma reforma, a transformação deve ocorrer no próprio homem.

Mas o que mudou no homem? O que mudou no coração do homem enquanto essência da religião? Cabe também perguntar, e Feuerbach pergunta: “já houve em nós uma revolução religiosa?” Uma revolução deste tipo, uma revolução no próprio homem, capaz de criar algo novo, diferente das épocas precedentes? A resposta de Feuerbach é categórica e radical: “Sim; já não temos coração, já não temos religião” (FEUERBACH, 2002, p. 14). Ao dizer que não temos coração, ou que não temos mais religião – que é a mesma coisa – Feuerbach quer mostrar que a religião, especificamente o cristianismo, está sendo rejeitada, está sendo negada em sua forma tradicional.

A negação, porém, não é clara, pelo menos num primeiro momento ou numa fase da humanidade, por isso, não é percebida; ela é discreta. Usando as palavras de Feuerbach: “não se quer dizer em voz alta que é negado” (FEUERBACH, 2002, p. 14), pois a religião não é negada, nesse caso, pelos ateus assumidos ou por uma corrente filosófica ateia – pelo ateísmo propriamente dito – todavia, é negada por aqueles que a sustentam, pelos seus próprios fiéis. Não se proclama a negação, não se nega a existência de Deus, não se diz que o cristianismo está errado ou é uma farsa; ele é negado na própria vida: nas ações, nas escolhas e decisões, no lazer, no trabalho, nas escolas e hospitais, nas praças e ruas, ou seja, na forma como as pessoas conduzem suas vidas e na forma como a sociedade se organiza.

O cristianismo, em sua estrutura e com suas mensagens, não satisfaz mais o espírito do homem moderno. Seus discursos e promessas não mais interessam ao homem envolvido pela técnica e pela ciência. “O que ele (o cristianismo) possui não possui de si, vive de esmolas dos séculos passados” (FEUERBACH, 1998, p. 20). Em outro lugar, Feuerbach afirma: “O cristianismo já não corresponde nem ao homem teórico, nem ao homem prático; já não satisfaz o espírito, nem sequer também o coração, porque temos outros interesses para o nosso coração, diversos da beatitude celeste e eterna” (FEUERBACH, 2002, p. 14).

Os homens não estão mais preocupados com a salvação pessoal pregada pelo cristianismo, não sonham mais com o céu, não esperam mais a felicidade num paraíso além-mundo. Não se preocupam mais com a salvação da alma, mas com a salvação do corpo. As preocupações são outras: pelo seu próprio suor, com o trabalho, esperam e buscam alcançar a felicidade no mundo, não mais junto de Deus, mas com os homens, buscando ao máximo satisfazer suas ânsias materiais. A felicidade está na própria sociedade: com o conforto, com as facilidades proporcionadas pelos aparatos técnicos, o homem vai se realizando, esquecendo-se cada vez mais das promessas celestes, da antiga religião. Portanto, “o cristianismo é negado – negado no espírito e no coração, na ciência e na vida, na arte e na indústria, radicalmente, de um modo irrevogável, sem apelo, porque os homens se apropriaram do verdadeiro, do humano, do anti-sagrado, que roubou do cristianismo toda força de oposição” (FEUERBACH, 2002, p. 15).

No prefácio da segunda edição da obra *A essência do Cristianismo*, Feuerbach também é esclarecedor quanto ao assunto:

O cristianismo há muito desapareceu não só da razão, mas também da vida humana, que nada mais é do que uma ideia fixa que está em gritante contradição com as nossas instituições de seguros de vida e incêndio, com as nossas estradas de ferro e carros a vapor, com nossas pinacotecas, nossas escolas de guerra e indústrias, nossos teatros e nossos museus naturais (FEUERBACH, 1998, p. 36).

A negação do cristianismo, a negação da religião como se vê até agora, no entanto, deixa uma dúvida: se os períodos da humanidade são marcados por transformações religiosas, se são essas transformações que possibilitam distinguir um período do outro, como pode surgir uma época nova, como pode surgir um pensamento novo e uma filosofia nova se já não temos coração nem religião? Se já não temos religião, qual é a necessidade da humanidade agora?

## **A RELIGIÃO COMO POLÍTICA**

Com a negação do cristianismo, rejeita-se tudo o que possa ser produzido com o espírito da filosofia antiga. Não se quer saber de nenhuma teologia, e, por mais que se demonstre, argumente e conceba um Deus pessoal, isso não desperta mais o interesse do homem moderno. A própria vida é o que interessa agora. Não se quer teologia, mas antropologia; não se quer Deus, não se quer o Divino, mas o próprio homem. “A religião não mais se ocupará de Deus, mas do próprio homem” (SOUZA, 1994, p. 63). Ou, como Feuerbach vai mostrar categoricamente em *A Essência do Cristianismo*, a teologia é antropologia: “A teologia já de há muito se transformou em antropologia” (FEUERBACH, 1998, p. 20). Consequentemente,

todas as dimensões, características e instrumentos peculiares da religião e do homem religioso vão sendo substituídos por outros não-religiosos, anti-sagrados, e, dessa forma, a religião vai se desfigurando dos seus moldes antigos e configurando-se assim em outra religião. Deste modo,

Para o lugar da fé, entrou a descrença; para o lugar da Bíblia, a razão; para o lugar da religião e da igreja, a política; a terra substituiu o céu, o trabalho substituiu a oração, a necessidade material o inferno, o homem o cristão. Homens, que já não estão cindidos entre um senhor no céu e um senhor na terra, que se arrojam à realidade com a alma indivisa, são homens diferentes dos que vivem no desgarramento. [...]. Se na prática o homem entrou para o lugar do cristão, então também no plano teórico o ser humano deve substituir o divino (FEUERBACH, 2002, p. 16).

Eis então que surge a religião como política. No sentido originário da religião, o homem não precisa do outro homem; ele encontra em Deus o seu providenciador, o seu protetor – Deus é pai. Ou seja, o homem confia em Deus, espera em Deus, e não no homem. Nesta perspectiva, segundo Feuerbach, só por acidente o homem está vinculado ao outro homem (FEUERBACH, 2002, p. 16). No entanto, como foi exposto, essa forma de religião foi negada na própria vida, e isso significa que o homem encontrou no próprio homem o seu providenciador. Ao encontrar no próprio homem o seu Deus, surge, pois, o Estado. Assim,

Na explicação subjetiva do Estado, os homens reúnem-se pela simples razão de que não creem em Deus algum, porque negam inconscientemente, de modo instintivo e prático, a sua fé religiosa. Não é a fé em Deus, mas a desconfiança em Deus que funda o Estado. É a crença no homem como Deus do homem que explica subjetivamente a origem do Estado (FEUERBACH, 2002, p. 16-17).

Mas o que é o Estado? O Estado é a própria união dos homens, uns completando os outros. “No Estado, os homens representam-se e completam-se um aos outros – o que eu não posso ou sei, o outro pode”. Deste modo, a política é religião, é nela que o homem encontra seu Deus – seu providenciador.

O Estado é Deus. É ele que está ao lado do homem quando ele precisa; se ele está doente, o Estado dá o médico e o hospital; se o homem tem fome, o Estado dá o trabalho; se ele está triste, o Estado proporciona a diversão. O Estado é pai: ele dá ao filho a possibilidade da comida, da roupa, da educação, da saúde e do lazer. Ele tenta fazer cumprir na terra as promessas celestes. Na religião como política, não mais se reza pedindo graça, providência, proteção, mas discute-se, delibera-se e pensa-se como o Estado (Deus) deve agir em benefício do homem.

Porém, como pode o homem trocar a religião pela política e Deus pelo Estado? Como pode o homem abandonar tão facilmente seu protetor e providenciador? Como Deus pode desaparecer assim da vida do homem? Ou melhor, como uma coisa tão grande, fundante e poderosa poderia

desaparecer desse modo? Como expressou Nietzsche: “Para onde foi Deus? [...] Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar todo horizonte?” (NIETZSCHE, 2001, p. 147).

## **O ATEÍSMO ANTROPOLÓGICO COMO FUNDAMENTO DA RELIGIÃO COMO POLÍTICA**

A questão é que existe um fundamento, segundo Feuerbach, que possibilitou este desaparecimento e, conseqüentemente, a nova religião. Este fundamento existe no próprio homem: “Ela (a política) só pode tornar-se tal (religião) se tivermos na nossa intuição um princípio supremo [...]. Este princípio expresso negativamente é apenas o ateísmo” (FEUERBACH, 2002, p. 16). Feuerbach vai mostrar que Deus é a projeção da essência do homem. Explicitando:

O homem começa por desdobrar para fora de si sua própria essência. Ele transfere seus predicados para um ser superior que ele chama Deus. O homem – tal é o mistério da religião – objetiva seu ser e se faz, em seguida, objeto deste ser objetivado e metamorfoseado em sujeito, em pessoa; pensa-se, objetiva-se como objeto do pensamento de um outro ser, e este ser é Deus<sup>1</sup>.

No ateísmo, nega-se Deus, nega-se o sujeito fora do homem, mas isso não significa que os predicados são negados, visto que estes existem no homem como essência de Deus e também no Estado como providenciador, pai e protetor. Por isso, na religião como política, o Estado reivindica o predicado de majestade. O “ateísmo prático é, pois, o vínculo dos Estados, o Estado é o deus dos homens, por isso reivindica justamente para si o predicado divino da ‘majestade’”. E outros predicados além desse podem ser também reivindicados pelo homem, pois os predicados de Deus são as próprias perfeições humanas projetadas no exterior. Deste modo:

Para Feuerbach, negar o sujeito Deus não é eliminar os predicados que dele se afirmam. Esses conservam sua dignidade sem o sujeito Deus, pois devem ser aplicados ao próprio homem. Exemplifica: dizer que Deus é inteligente é projeção da razão humana. Deus é a objetivação da inteligência humana em geral. Dizer que Deus é o ser moralmente perfeito é a projeção da vontade humana. É a lei da moralidade humana personificada. Não Deus, mas a consciência humana é o juiz. Dizer que Deus é amor é a projeção do coração humano. Deus é a essência objetivada do amor humano em geral. Deus não é amor, mas o “amor é Deus”, e fora dele não há outro Deus (ZILLES, 2001, p. 109).

---

<sup>1</sup> “l’homme comencé par se dédoubler, par projeter hors de lui sa propre essence. Il transfère ses prédicats à un être supérieur qu’il appelle Dieu. L’homme – tel este le mystère de la religion – objective son être et se fait ensuite objet de cet être objectivé et métamorphosé en sujet, en personne ; il se pense, il s’objective comme objet de la pensée d’un autre être, et cet, c’ est Dieu” (HARVON, 1997, p.85.).

Neste sentido, talvez não se pudesse falar em desaparecimento de Deus, mas em reconhecimento, ou reencontro; não de Deus, mas da essência do homem, isso porque o homem projeta para fora de si sua própria essência. O Deus cristão – pai, criador, protetor, providenciador – seria nada mais que a essência do homem projetada para fora de si mesmo. Assim expressa Feuerbach: “A consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo, o conhecimento de Deus é o conhecimento que o homem tem de si mesmo. Pelo Deus conheces o homem e vice-versa, pelo homem conheces o seu Deus; ambos são a mesma coisa” (FEUERBACH, 1998, p. 109). Já na nova religião, o homem reencontra sua essência ao cultuar não um Deus fora de si, mas o próprio homem ou, também, por esperar no Estado seu providenciador.

A religião, pensada a partir deste Deus fora do homem, corresponde à infância da humanidade. “A religião representa o estado infantil da consciência humana. [...]. Mas a evolução da humanidade leva o homem a afastar-se cada vez mais de Deus e a dirigir-se cada vez mais a si mesmo” (COLOMER, 1977, p. 390). Na medida em que a humanidade evolui, aproxima-se cada vez mais do reconhecimento de que Deus é a sua própria essência. Por isso, ao enxergar na sociedade que a nova religião é a política, Feuerbach percebe essa evolução do homem, seu reencontro com sua própria essência.

No entanto, apesar das críticas à religião, Feuerbach reconhece que a religião, sobretudo o cristianismo, possibilitou ao homem aproximar-se mais de sua essência. Ao criar um Deus fora de si, o homem estaria vendo indiretamente sua própria essência, porém de forma alienada. “A religião é, portanto, uma etapa do caminho que o homem percorre para alcançar a plena consciência de si mesmo. A religião lhe revela sua essência. Mas, concentrando-a em Deus, ela a despoja, ela a destina à alienação”<sup>2</sup>.

O ateísmo seria, então, o abandono desta alienação, de um deus distinto do homem, e o reencontro de sua essência em si mesmo. Neste sentido, poderia até dizer que o homem é naturalmente ateu, pois o Deus que ele acredita existir exteriormente nada mais é do que sua essência projetada para fora de si. Deste modo, no ateísmo, o homem não é a imagem e semelhança de Deus, mas Deus é a imagem e semelhança do homem. “Este novo ser supremo

---

<sup>2</sup> “La religion est donc une étape du chemin que l’homme parcourt pour accéder à la pleine conscience de lui-même. La religion lui révèle son essence. Mais en la concentrant en Dieu, elle l’en dépouille, elle le voue à l’alienation” (HARVON, 1967, p.85).



é o homem” (COLOMER, 1977, p. 390). Portanto, a relação do homem com Deus será uma auto-relação, e a religião política será a devoção às causas humanas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nova filosofia proposta por Feuerbach tem como ponto de partida a realidade. Sua pretendida reforma aponta, então, para a necessidade de o pensamento partir das próprias necessidades da humanidade. Chega-se, assim, à ideia de que a necessidade da humanidade corresponde a uma necessidade religiosa, uma vez que é a religião, ou melhor, as transformações religiosas, que marcam e distinguem cada época da história. A necessidade da humanidade corresponde ao reencontro do homem com sua própria essência, projetada num Deus distinto do homem.

Com a evolução da humanidade, o homem começa a confiar no próprio homem, negando, desse modo, a tradicional forma de religião que cultuava um Deus que nada mais era que o próprio homem se projetando exteriormente. A evolução da humanidade possibilitou, então, outra religião, na qual o homem reconhece, em sua própria vida, que o seu Deus é o próprio homem; que o Estado, enquanto homens que se completam, é o providenciador, o protetor, o pai, ou seja, o seu Deus.

A religião como política surge, então, de um princípio que está no próprio homem: o ateísmo. Ao mostrar, com a sua própria vida, que o homem é o seu providenciador, ele nega, conseqüentemente, um Deus diferente do homem; sendo assim, a religião como política não cultua mais Deus, mas o próprio homem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABADA, Castro, M. “El Hombre como Centro del Pensamiento de Feuerbach”, in *Pensamiento*, v. 36, n. 141, 1980, p. 5-7.

\_\_\_\_\_. *Querer e no querer vivir: el debate entre Schopenhauer, Feuerbach, Wagner y Nietzsche sobre el sentido de la existencia humana*. Barcelona: Herder, 1994.

COLOMER, E. Ludwig Feuerbach: un ateo piadoso?. *Pensamiento*, v.33, n. 132, 1977, p. 379-400.

HARVON, Henri, P. *Que sais-je? L'athéisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FEUERBACH, L. *A essência do Cristianismo*. Campinas: Papirus, 1998.

FEUERBACH, L. *Princípios da filosofia do futuro*. Lisboa: Edições 70, 2002.

SOUZA, D. G. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

ZILLES, U. *Filosofia da religião*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2001.